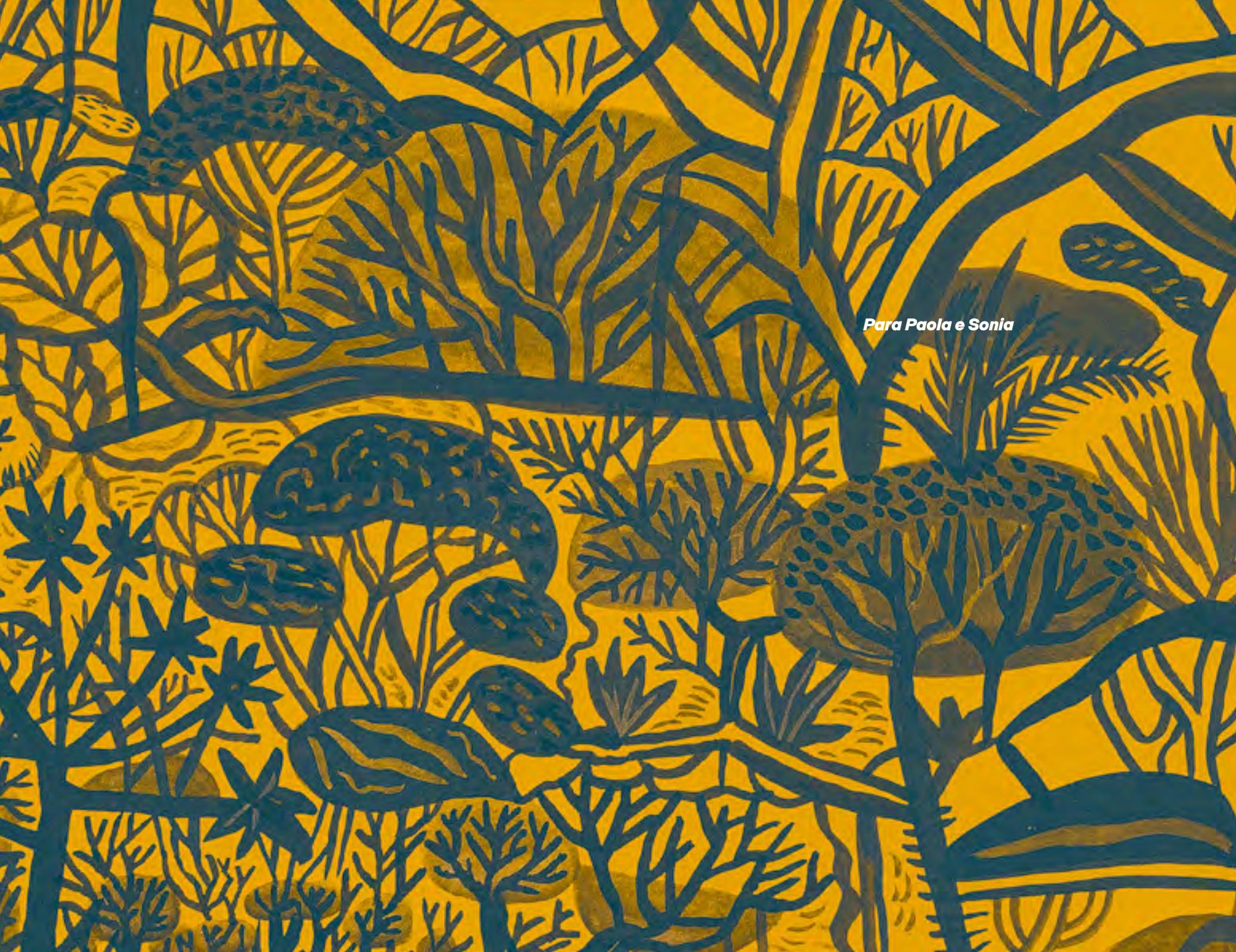




**A PLANTA
DO MUNDO**

**STEFANO
MANCUSO**

**tradução
REGINA SILVA**



Para Paola e Sonia



9	Prólogo
15	1 A árvore da liberdade
43	2 A planta da cidade
73	3 Raízes do subsolo
89	4 Troncos da música
103	5 Anéis do tempo
127	6 Cascas de conhecimento
159	7 O pólen do crime
177	8 Sementes da Lua
185	Índice onomástico
189	Sobre o autor

prólogo

Depois de décadas convivendo com as plantas, tenho a impressão de sentir a presença delas não apenas em todo o planeta, mas também na história de cada um de nós.

A princípio, eu acreditava que essa percepção particular do mundo vegetal fosse consequência da minha simpatia por esses seres silenciosos. E que, como acontece com qualquer pessoa que desenvolve forte interesse por alguma coisa, tivesse começado a ver o objeto de meu interesse em todos os lugares. Todo mundo que se apaixona sabe do que estou falando. É aquela sensação estranha de que tudo no universo, por mais distante ou marginal que seja, parece, de alguma forma, vinculado ao objeto do nosso amor. Cada acontecimento, cada música, a meteorologia, as pedras da calçada por onde se caminha, tudo traz um eco da história de amor. Lembro-me de uma história engraçada de Maupassant (1850–1893), que li quando criança, sobre uma senhora que, toda vez que se apaixonava, e isso acontecia com certa frequência, transformava radicalmente seu mundo, colocando a profissão de seu novo amor no centro de seus interesses. Apaixonava-se por um advogado e não falava de outra coisa a não ser de códigos e julgamentos; se fosse farmacêutico, então o mundo era apenas fármacos e medicamentos; se fosse jóquei, tudo se transfor-

mava em cavalos, selas e arreios. Tenho certeza de que todos nós conhecemos casos parecidos. É uma das razões pelas quais não dá para conviver com uma pessoa apaixonada.

Comecei então a me perguntar se não seria algum fenômeno semelhante ao de uma paixão verde, que, como a senhora de Maupassant, fazia com que eu não visse nada além de plantas em toda parte. Em todos os lugares do planeta, no início de cada história humana, na base de todo acontecimento. Refleti sobre isso e acho que posso afirmar com segurança que a resposta é: não. Estou bastante certo disso. O fato de eu conviver com as plantas, de estudá-las e de elas serem, sem dúvida, o centro dos meus interesses nada tem a ver com o fato de elas aparecerem no início de cada história. É simplesmente um dado incontestável. Uma consequência de seu grande número e de serem a fonte de vida neste planeta. Como poderia ser diferente? Nós, animais, representamos apenas 0,3% da biomassa, enquanto as plantas representam 85%. É óbvio que qualquer história em nosso planeta tem, de um jeito ou de outro, plantas como protagonistas. Este planeta é um mundo verde; é o planeta das plantas. Não é possível contar sua história sem deparar com seus habitantes mais numerosos. E o fato de serem invisíveis em nossas histórias ou de aparecerem discretamente, tendo apenas o papel de figurantes para dar cor à cena, é o resultado de um recalque total da nossa percepção desses seres vivos, dos quais depende a vida na Terra.

Quando se é capaz de olhar para o mundo sem vê-lo simplesmente como o campo de ação do homem, não se pode deixar de notar a onipresença das plantas. Elas estão por toda parte e suas aventuras se entrelaçam às nossas de maneira inevitável.

Um dia, perguntaram ao compositor inglês *sir* Edward Elgar (1857–1934) de onde vinha sua música. A resposta foi: “Minha ideia é que há música no ar, música ao nosso redor, o mundo está repleto dela e a qualquer momento uma pessoa pode

obter toda a música de que precisa”.¹ O mesmo acontece com as plantas: como a música para Elgar, elas estão em todos os lugares ao nosso redor e, para escrever sobre elas, basta ouvir suas histórias e contá-las, *utilizando sempre todas as plantas das quais precisamos*.

Foi assim que nasceu este livro, um apanhado de histórias de plantas aqui e ali, que se entrelaçam com os acontecimentos humanos e se relacionam com a narrativa da vida na Terra. Assim como ocorre na floresta, onde cada árvore está ligada a todas as outras por uma rede subterrânea de raízes que as une formando um superorganismo, as plantas constituem a nervura, o fundamento, o mapa (ou planta) com base nos quais se constrói o mundo em que vivemos. Não ver essa planta, ou pior, ignorá-la, acreditando que já nos encontramos acima da natureza, é um dos perigos mais graves para a sobrevivência da nossa espécie.

¹ Edward Elgar, *Letters of a Lifetime*. Oxford: Oxford University Press, 1990.

Handwritten text in a cursive script, possibly a signature or a name, written in dark ink on a white background. The text is arranged in several lines, with the top line being the most prominent and appearing to read "M. J. [unclear]".



1

A ÁRVORE DA LIBERDADE

Desde que me lembro, sempre tive uma atração irresistível por papel. Aos três anos, me apaixonei pela professora do jardim de infância e logo depois por papel. E essa segunda paixão permanece intacta e integral, acompanhando-me muito antes de eu começar a me interessar por plantas e coisas do gênero. Uma das minhas primeiras lembranças de emancipação tem a ver justamente com papel. Na verdade, para ser mais exato, com gibis. Na época, eu acreditava que eles vinham diretamente das mãos generosas de meus pais ou de outros familiares, que, com certa frequência, e por motivos em geral relacionados a datas festivas ou a êxitos alcançados, distribuíam, de livre e espontânea vontade, aquelas histórias fantásticas. Claro, eu tinha consciência do fato de que as histórias em quadrinhos vinham daqueles lugares de deleite chamados bancas de jornal, espaços sagrados aos quais só os adultos tinham acesso e, portanto, inacessíveis para mim, como se estivessem no Monte Olimpo. Então, um dia – eu devia ter uns sete anos –, durante umas férias em Roma, surgiu na minha frente, de forma completamente inesperada, a primeira banca de gibis usados da minha vida. Crianças da minha idade, com e sem pais, adultos, homens e mulheres, todos podiam desfrutar das maravilhas dos impressos, sem nenhuma discriminação.

Nem mesmo de renda. As cem liras necessárias para comprar uma revistinha (cinco por quatrocentas liras) estavam perfeitamente dentro das minhas possibilidades financeiras. Aliás, sempre tive comigo uma nota de mil liras que meu pai confiava a mim “por precaução”. Foi naquele momento que eu entendi o que era eventualidade. Aquelas mil liras foram investidas em doze edições (consecutivas) de *Comandante Mark*. Foi um momento mágico.

Desde então, primeiro com as revistas, depois com livros, os sebos têm sido uma companhia diária. Alguns deles eu acompanhei por gerações em Florença, em suas mudanças de endereço e de proprietário, e, embora nenhum jamais tenha abalado meu coração como aquela primeira banca de Roma, muitos outros livros descobertos em bancas e sebos ao redor do mundo estão indelevelmente gravados em minha memória. Foi o que aconteceu no *Marché du Livre Ancien et d’Occasion* George Brassens, em Paris, quando pus minhas mãos num livrinho que trazia o magnífico título *Essai historique et patriotique sur les arbres de la liberté* [Ensaio histórico e patriótico sobre as árvores da liberdade].

Esse mercado é um lugar imperdível para todos aqueles que compartilham comigo a insana paixão por sebos e livros usados e que vivem ou passam um fim de semana em Paris. Todos os sábados e domingos, de cinquenta a sessenta livreiros se reúnem perto do parque e do mercado George Brassens, no 15º *arrondissement*, para expor seus produtos a um grande número de bibliófilos fanáticos. Nós nos reconhecemos de cara. Somos sempre os mesmos, nos encontramos sempre nos mesmos lugares, ansiosos, fim de semana após fim de semana, para novas buscas nos milhares de pilhas disformes e sem nenhuma regra que se formam nos balcões dos livreiros. Há aqueles que há anos procuram um exemplar do único número que falta para completar a coleção de algumas séries obscuras

do início do século XX, aqueles que colecionam livros que tratam de temas improváveis, como máquinas de café (eu conheci um deles), a história da Finlândia, armas japonesas ou microrganismos do solo.

Em geral, são acadêmicos, que, tendo estudado assuntos complicados durante anos, ficaram presos no mundo de suas pesquisas. Bem, devo admitir que eles não são tão diferentes de mim. Eu também perambulo por essas bancas em busca de algum livro sobre plantas e árvores, possivelmente publicado antes do início do século XIX. Aqui, durante anos vasculhando de maneira incansável, quase todos os sábados de manhã da minha vida adulta, quando tive a sorte de morar em Paris, montei uma coleção impressionante de livros obscuros, esquecidos e marginais, que tinham em comum apenas o assunto principal, as plantas.

Aos sábados, o mercado abre ao público às nove da manhã. Isso significa que, às oito, os verdadeiros fãs já estão por lá, esperando. A gente se encontra em um café em frente ao mercado, todos equipados com enormes mochilas vazias que esperamos encher. Alguns cumprimentos constrangidos entre pessoas que se conhecem de vista há anos, cujo nome e profissão muitas vezes são conhecidos, mas com quem nunca realmente batemos um papo. Tomamos um café e nos olhamos desconfiados, sobretudo os rivais com os mesmos interesses. É uma espécie de maldição: qualquer que seja o tema da sua pesquisa, sempre haverá alguém contra quem lutar.

Eu também, é claro, tenho meu antagonista. Ele é um senhor idoso, alto e magro como uma vara. Tez murcha e escura como se tivesse secado durante anos ao sol do deserto, sempre vestido com o que me parece ser a mesma capa de chuva comprida e clara, faça chuva ou faça sol. Insensível ao clima como os melhores caçadores de livros. Debaixo de chuva, de neve ou tempestade de vento, congelando ou

sobre o autor

STEFANO MANCUSO nasceu em 1965, em Catanzaro, na Itália. É formado pela Università degli Studi di Firenze (UniFI). Em 2005, fundou o LINV – International Laboratory of Plant Neurobiology – um laboratório dedicado à neurobiologia vegetal, campo de que foi o fundador, e que explora a sinalização e a comunicação entre plantas em todos os seus níveis de organização biológica. Em 2012, participou da criação de uma “planta robótica”, um robô que cresce e se comporta como uma planta, para o projeto Plantoid. Em 2014, inaugurou na UniFI uma *startup* dedicada à biomimética vegetal, ramo de pesquisa e inovação tecnológica baseada na imitação de propriedades das plantas, desenvolvendo um modelo de estufa flutuante chamado “Jellyfish Barge”. Publicou, entre outros, os livros *Verde brillante* [Verde brilhante] (2013), em coautoria com Alessandra Viola; *Botanica. Viaggio nell’universo vegetale* [Botânica. Viagem ao universo vegetal] (2017); *L’incredibile viaggio delle piante* [A incrível viagem das plantas] (2018); e *La nazione delle piante* [A nação das plantas] (2019). Em 2018, Mancuso recebeu o XII Prêmio Galileo de escrita literária de divulgação científica pelo livro *Revolução das Plantas* (Ubu Editora, 2019). Desde 2001, atua como professor do Departamento de Ciência e Tecnologia Agrária, Alimentar, Ambiental e Florestal da UniFI.

Título original: *La Pianta del Mondo*

© 2020 Gius. Laterza & Figli, All rights reserved

© 2021 Ubu Editora

ilustrações Andrés Sandoval

coordenação editorial Florencia Ferrari

assistentes editoriais Gabriela Naigeborin, Isabela Sanches e Júlia Knaipp

preparação Leonardo Ortiz

revisão Cláudia Cantarin e Orlinda Teruya

design Elaine Ramos e Livia Takemura

produção gráfica Marina Ambrasas

comercial Luciana Mazolini

assistente comercial Anna Fournier

gestão site / Circuito Ubu Beatriz Lourenção

criação de conteúdo / Circuito Ubu Maria Chiaretti

assistente Circuito Ubu Walmir Lacerda

assistente de comunicação Júlia França

atendimento Jordana Silva e Laís Matias

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

ubueditora.com.br

(11) 33312275

  /ubueditora